

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (PÔSTER)

NOME: KAROL NATASHA LOURENÇO CASTANHEIRA

TÍTULO: JORNALISMO COLABORATIVO: CONCEITO E ENTRAVES

AUTORES: KAROL NATASHA LOURENÇO CASTANHEIRA, KAROL NATASHA LOURENÇO CASTANHEIRA

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): Fapemig - Obs: não sou professora bolsista, mas a pesquisa em si é financiada pe

PALAVRA CHAVE: JORNALISMO COLABORATIVO, CONCEITO, PROSUMER, ENTRAVES

RESUMO

Objetiva-se nesse trabalho elucidar o conceito, as características e os entraves que regem o campo do jornalismo colaborativo. Esta pesquisa está sendo explorada também em um projeto de iniciação científica responsável por investigar como os webjornais Em (Estado de Minas) e G1 (MG) organizam o jornalismo colaborativo. No entanto, aqui ateremos apenas a fundamentação dessa nova prática jornalística. Para tanto, foi necessário recorrer à metodologia de pesquisa bibliográfica, como também, observar por meio de exploração do ciberespaço, webjornais que abrem espaço para este tipo de prática ou se baseiam integralmente da colaboração para o abastecimento de conteúdo. O jornalismo colaborativo tomou forma a partir do webjornalismo, caracterizado como o jornalismo que se utiliza de parte da internet, a web, possuidora de um sistema documental interligado mundialmente, formando uma grande rede de compartilhamento entre si. Luciana Mielniczuk e João Canavilhas são alguns autores que defendem essa nomenclatura, mas há também outras denominações como jornalismo online, jornalismo eletrônico, ciberjornalismo e jornalismo digital. Independente do nome, este tipo de jornalismo contribuiu para o aumento da interatividade entre veículo e leitor. Outros fatores colaboraram também para que o cidadão possuísse recursos para ocupar novos papéis na cadeia da produção da informação, dentre eles é possível elencar: a expansão da internet, a mudança de um modelo um-todos, para um modelo todos-todos, o aumento da classe C, o barateamento dos produtos tecnológicos, como celular, computador e outros dispositivos móveis e a facilidade de acesso à internet. Este cenário permitiu ao mero consumidor de informação a chance de ser produtor. Essa nova categoria vem recebendo diversos nomes com praticamente o mesmo significado, desde 1969 com o "produssumidor" de Décio Pignatari (2004, pp. 31-32) até 2008 com o "produser" de Bruns Axel (2008, pp. 2-5) e passando obviamente por 1980 com o "prosumer" de Alvin Toffler (1980, pp. 11) (RENÓ et al, 2011, p.208). O prosumer levou a criação de uma nova categoria no jornalismo, denominada jornalismo colaborativo. Brittes (2004, p.9) define esse tipo de jornalismo como "publicações pela internet que apresentam grau de interatividade, de modo que os conteúdos são construídos em parceria". Para Benkler (2006, p. 60, tradução nossa), o jornalismo colaborativo deve ser: "Radicalmente descentralizado, colaborativo e não-proprietário; baseado no compartilhamento de recursos e produção distribuídos em larga escala, entre indivíduos conectados de modos indefinidos que cooperam entre si sem esperar por aprovação do mercado ou ordens gerenciais". Essa concepção é criticada por alguns jornalistas, dentre eles Sérgio Augusto (2007), que contesta: "Jornalismo colaborativo é uma bobagem. As experiências até agora efetuadas deram chabu, sobretudo porque os leitores, de modo geral, exigem mais respeito, logo, mais e melhores profissionais a seu serviço, não um karaokê de escribas sem pedigree. Sou um meritocrata convicto. Para mim, escreve quem sabe, tem espaço quem o merece". Já os defensores ou pesquisadores dessa nova prática, informam que o desafio centra-se em promover uma aproximação mais efetiva da audiência, tornando-a realmente participante do processo de coleta, seleção, edição, produção e publicação de notícias (DEUZE, BRUNS E NEUBERGER, 2007, p.2). "Em sites como G1, Terra, O Globo, por exemplo, as áreas em que são veiculados conteúdos produzidos pelo usuário são apenas demarcadas como tais – o que não representa qualquer problema, visto que a autoria da informação é importante para quem a consome. No entanto, não há qualquer correspondência entre as seções colaborativas e o restante do noticiário produzido por jornalistas da redação" (ROCHA, BRAMBILLA, 2009,p.4). Em uma pesquisa produzida por Yuri Almeida e divulgada em 11 de abril de 2013, o índice de descarte de material colaborativo da Folha de São Paulo foi de 90%, do G1 75% e do Terra 20%. Isso leva a aferir que o pensamento proposto por Quadros (2005), encontra-se atual e pertinente. Para a autora "poucos jornais ou revistas na web interagem com o usuário, pois a interatividade propalada por muitos desses meios não passa de um simulacro (QUADROS, 2005,p 4). Por meio de exploração ao ciberespaço, foi possível perceber, a priori, que o tratamento e o aproveitamento dado ao jornalismo colaborativo, ganham diferentes abordagens e relevâncias dependendo da cultura, da região, do grau de importância do veículo e as condições econômica e técnica da população em poder e saber operar sobre meios de comunicação a fim de produzirem conteúdo.